

Prezadas/os leitoras/es,

Em 2009 a Movimento passou a publicar 4 fascículos por ano. E, como forma de trazer uma posição reflexiva na apresentação deste número 4 de 2017, buscamos, nos editoriais dos números que encerraram os volumes 15 à 22, os pontos que foram destacados em cada um dos textos publicados nos 8 anos. Com isso, pudemos observar algumas recorrências, em relação as quais passamos a tecer breves relatos e análises.

Desde 2009, em todos os editoriais, mencionamos o aumento do número de submissões não apenas de autores brasileiros, mas também de signatários estrangeiros. Em 2009 registramos 201 submissões e, em 2017, entre artigos, ensaios e resenhas, chegamos a um total de 610 (o equivalente a 3 vezes mais). O aumento dessa demanda foi equilibrado com a ampliação paulatina e cuidadosa do número de artigos constantes em cada fascículo, considerando uma taxa de aceitação entre 20 a 30% dos trabalhos submetidos que, segundo nossa avaliação do processo por pares, tem se mostrado condizente com as expectativas da área sociocultural e pedagógica da Educação Física. Tal equilíbrio também se deve a um esforço maior e constante da equipe editorial em realizar um crivo de trabalhos, antes que esses entrem nos ciclos avaliativos, arquivando aqueles que não se enquadram no escopo e os que não apresentam condições mínimas de coerência, consistência, objetivação e atendimento às normas.

O aumento das submissões e o que isso apresenta como desafio para a equipe editorial tem relação direta com uma outra questão destacada em quase todos os editoriais desde 2009 (exceto em 2014): o reconhecimento crescente da Movimento como lugar importante para a comunidade acadêmica-profissional e também no âmbito das instituições indexadoras. Em vários momentos mencionamos nosso contentamento quanto ao que entendemos como lugar merecido de prestígio, dada a importância do periódico não apenas pela visibilidade das produções relacionadas às questões pedagógicas e socioculturais, mas também como instância significativa nas disputas de poder e de legitimação no contexto da área de Educação Física, em especial da Pós-Graduação. Temos claro que o trabalho editorial é atravessado por essas disputas e que isso implica na ‘necessidade político-científica’ de estabelecimento de vínculos com instituições de indexação, classificação e divulgação como *Web of Science*, *Scopus*, *WebQualis-CAPES*, *Latindex*, *Lilacs* e *Redalyc*. Manter e melhorar posição nos índices e fator de impacto, classificações, figurar em mais instâncias de visibilidade são preocupações cotidianas na Movimento, mas estas não se sobrepõem aos nossos olhares para aquilo que a comunidade da Educação Física, sobretudo a brasileira, coloca como seus desafios e questões.

Mas – também em face dos vínculos e reconhecimento acima mencionados – a Movimento não é mais apenas um periódico tão somente que podemos classificar como ‘brasileiro’. Esse é outro ponto que temos destacado nos últimos anos: o

processo de internacionalização. Em 2016 anunciamos que 25% dos autores dos trabalhos publicados estavam vinculados a instituições estrangeiras, fenômeno que se apresenta em 2017 de maneira semelhante, nos dizendo que a internacionalização não se faz apenas com a publicação de trabalhos ‘de fora’ (a “evasão de divisas” como mencionamos no editorial do último número de 2012). Disso tem decorrido nossa defesa para que as boas condições de trabalho sejam conferidas aos periódicos nacionais da área de Educação Física, não cabendo apenas uma política científica que valoriza a publicação ‘de fora’ (em inglês) e desvaloriza os esforços editoriais ‘nativos’. Obviamente que uma coisa não inviabiliza a outra, mas não é preciso muitas análises para notar que essa balança está desequilibrada e que investimentos que sustentam um periódico nacional são fundamentais para a chamada internacionalização. Importa, portanto, sublinhar que um processo de internacionalização de uma comunidade ou de um periódico científico não se dá por decreto ou pelo simples desejo de autoridades acadêmicas, mas por um círculo virtuoso de boa vontade política que envolve a produção, a sistematização, a avaliação e a divulgação do conhecimento produzido por sujeitos e grupos de pesquisa com forte identidade nacional.

A Movimento, ao longo desses 8 anos a que estamos nos referindo, recebeu apoio de diferentes instituições (Ministério do Esporte, CNPq, CAPES, FAPERGS, UFRGS), o que tem possibilitado dar passos no sentido da profissionalização das práticas editoriais. O que aqui chamamos de profissionalização se relaciona com o envolvimento crescente de especialistas nas tarefas de indexação, normalização, diagramação, programação, revisão e tradução, assim como no desenvolvimento de processos internos condizentes com os propósitos do periódico. Esses são aspectos que destacamos em vários editoriais anteriores, mas vale enfatizar – como já o fizemos no editorial do último número de 2016 – a percepção clara de que as instituições de fomento já não mantêm os mesmos níveis de subsídios, produzindo um estrangulamento dos recursos, induzindo para um caminho de financiamento próprio, via cobranças de taxas, se quisermos manter as mesmas dinâmicas de profissionalização. As políticas econômicas de congelamento, que têm atacado os direitos sociais, têm igualmente colocado limites nas possibilidades de manutenção de especialistas e de processos na constituição da revista.

Nos cabe pontuar um aspecto central também recorrente nos editoriais dos números que encerraram os últimos 8 anos, um fenômeno que podemos chamar de comunidade de abnegados. Em diferentes editoriais escrevemos sobre o aumento do número de pareceristas, de editores de seção/idiomas, para dar conta do expoente crescimento de submissões. Temos utilizado o termo abnegado para salientar a enorme dedicação dos muitos colaboradores envolvidos como editores e como avaliadores, cujo trabalho tem um valor inestimável para a área sociocultural e pedagógica, mas que ainda tem pouco valor para quem investe seu tempo (não raramente, o tempo livre), algo que merece ser pensado e estruturado em políticas editoriais nas instâncias que conferem institucionalidade às práticas científico-acadêmicas. Num momento em que a perspectiva de produção acadêmica tem assumido uma configuração de empreendedorismo individual, cremos ser de grande relevância valorizar as situações nas quais os pesquisadores se mostram engajados como sujeitos coletivos, algo que se materializa nas suas atuações nas revistas. Além disso, o maior reconhecimento como ‘produção científico-acadêmica’ do trabalho dos editores e dos avaliadores, sem dúvida, terá impacto na qualificação dos periódicos.

Por último, lembramos que em três editoriais (2010, 2014 e 2016) procuramos esclarecer o escopo da Movimento, a retomada das seções Em Foco e Temas Polêmicos, e trouxemos a apresentação dos objetivos estratégicos do periódico. Esse investimento de explicações esteve presente na expectativa de que os leitores, autores e avaliadores tenham claro os caminhos que o periódico está trilhando ou que se propõe a trilhar, em especial mostrando qual a comunidade com a qual se relaciona e quais as questões que procura focar-se tanto em termos de visibilidade da produção, como igualmente no sentido de indução dos debates. Continuaremos desenvolvendo explicações, análises e reflexões, contudo, a partir do primeiro número de 2018, não mais na forma de um editorial que abre cada número. Estaremos suprimindo a seção Editorial e, no seu lugar, trataremos das questões da Movimento em textos publicados juntamente com os outros que compõem os fascículos.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Marco Paulo Stigger
Elisandro Schultz Wittizorecki
Ivone Job
Mauro Myskiw
Vicente Molina Neto

